

CETICISMO E LINGUAGEM COMUM

Guadalupe Reinoso²⁸

Resumo: A postulação do ceticismo linguístico concentra-se no questionamento da capacidade da linguagem de refletir ou espelhar a realidade. Fritz Mauthner adotou um *ceticismo linguístico-epistemológico*, segundo o qual a linguagem não reflete fielmente a realidade e é uma fonte de engano e superstição. No contexto do diagnóstico apresentado, o exercício filosófico é concebido como uma *crítica da linguagem* que leva à afasia ou à autodestruição. Com base nessa abordagem drástica e pessimista, tentaremos responder à seguinte pergunta: É possível estabelecer uma relação entre filosofia e linguagem a partir de uma perspectiva cética que não seja autodestrutiva? Para ensaiar uma resposta positiva, exploraremos as reflexões sobre a linguagem natural e sua conexão metodológica com a orientação filosófica proposta por Sexto Empírico. Do meu ponto de vista, é proposto um *ceticismo linguístico performativo* que não deve ser considerado como uma postura antifilosófica ou quietista.

Palavras-chave: Ceticismo; Linguagem comum; Quietismo; Pirronismo; Filosofia performativa.

Resumen: La postulación del escepticismo lingüístico se centra en poner en tela de juicio la capacidad del lenguaje para reflejar o espejar la realidad. Fritz Mauthner adoptó un *escepticismo lingüístico-epistemológico*, según el cual el lenguaje no refleja fielmente la realidad y constituye una fuente de engaños y supersticiones. En el contexto del diagnóstico presentado, la labor filosófica se concibe como una *crítica del lenguaje* que conduce a la afasia o autodestrucción. A partir de este planteamiento drástico y pesimista, se procurará responder a la siguiente cuestión: ¿Es factible establecer una relación entre filosofía y lenguaje desde una perspectiva escéptica que no resulte autodestructiva? Con el propósito de ensayar una respuesta positiva, exploraremos las reflexiones sobre el lenguaje natural y su conexión metodológica con la orientación filosófica propuesta por Sexto Empírico. Desde mi perspectiva, se propone un *escepticismo lingüístico performativo* que no debe ser considerado como una postura anti-filosófica o quietista.

Palabras claves: Escepticismo; Lenguaje natural; Quietismo; Pirronismo; Filosofía performativa.

²⁸ E-mail: guadalupe.reinoso@unc.edu.ar. Licenciada e doutora em filosofia pela Universidade Nacional de Córdoba, Argentina. Professora adjunta da Cátedra de Metafísica II, FfyH, UNC. Pesquisadora do CONICET. Diretora do grupo de pesquisa: *Actualizaciones del neopirronismo: el legado del ceticismo griego en la filosofía moderna y contemporánea*, SeCyT. <https://orcid.org/0000-0003-0003-5732>.

1. Introdução²⁹:

A conexão entre ceticismo e linguagem pode ser estabelecida de diversas maneiras. Desde o enfoque de El-Jaick, a filosofia contemporânea estende as dúvidas céticas a um novo âmbito: a linguagem³⁰. Assim, as dúvidas céticas põem sob suspeita a capacidade da linguagem de representar a realidade. A forma mais drástica do chamado ceticismo linguístico foi concebida a partir do fim do século XIX como um enfoque centrado em questionar radicalmente a capacidade da linguagem para refletir e comunicar a realidade. Não obstante, como assinala Sheppard, a “crise da linguagem” não é um fenômeno exclusivamente moderno³¹, porém adquire uma radicalidade e pessimismo notórios que se veem magnificamente expressos na “*Carta de Lord Chandos*” (1902) de Hofmannsthal (2012, p. 22-24):

Meu caso, em suma, é o seguinte: perdi completamente a capacidade de pensar ou falar com coerência sobre o que quer que seja. (...) Gradativamente, porém, essa impugnação se expandiu como ferrugem, carcomendo o que lhe viesse ao encontro (...) E todas as coisas que ocorressem em tais conversas meu espírito me impelia a examinar de perto, monstruosamente de perto: assim como, certa feita, eu olhara na lupa a cutícula do mindinho, e ela mais se pareceu a uma planície esburacada, assim também procedia agora no meu trato com os homens e as suas ações. Não conseguia mais apreendê-los com o olhar do costume, que une e simplifica. Tudo se me desfazia em pedaços, e esses de novo em outros pedaços, e não havia mais nada que se deixasse atrelar a um conceito. As palavras, em mim, boiavam isoladas; então coalhavam e eram olhos me encarando, que eu encarava de volta: eram vórtices cuja mera visão me dava vertigem, que fluíam sem parada e desaguavam no vazio.³²

Se a perspectiva de Hofmannsthal tem impacto na literatura e na arte em geral, a confecção da *Carta* se baseou na leitura de uma obra filosófica: *Contribuições a uma crítica da linguagem* (1901-2) de Fritz Mauthner (1849-1923)³³. Numa carta a Mauthner, observa a influência que a leitura do seu livro teve sobre ele³⁴. Mauthner questionou radicalmente a capacidade da linguagem para representar a realidade e postulou a tarefa da filosofia em termos de uma Sprachkritik cética, uma crítica da linguagem autodestrutiva que conduz ao silêncio místico: “nada podemos saber, (...) a razão humana não tem outro

²⁹O presente texto utiliza algumas ideias da minha conferência “Escepticismo y lenguaje natural” ditada em espanhol para o 1º Colóquio de Ceticismo em homenagem aos 10 anos do GEFILUFS: Limites da Linguagem e do Conhecimento. Aracajú, Sergipe, VIRTUAL, disponível em, minutos 2:30-44:50: https://www.youtube.com/watch?v=uIhEhj9pxB8&t=2694s&ab_channel=WilliamdeSiqueiraPiau%C3%AD

³⁰ Cf. EL-JAICK, A. P. “Fogo, escada, purgante: a linguagem cética”. In *PROMETEUS* - Ano 7 - Número 16 – Julho-Dezembro, 2014, p. 64.

³¹ SHEPPARD, R., “The crisis of language”. In *Modernism 1890-1930*, 1976, pp. 323-324.

³² HOFMANNSTHAL, *Uma Carta – A Carta de Lord Chandos*. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2012, pp. 22-24.

³³ Parta uma introdução das ideias de Mauthner, cf. BAHR, F. “Estudio preliminar”. En: Mauthner, F. *Spinoza. Un bosquejo de su vida y su influencia*. Córdoba: Encuentro Grupo Editor, 2011, pp. 7-30. Y DI TOMASO, S. “Lenguaje y filosofía: la Sprachkritik de F. Mauthner a la luz del Pirronismo”. *Síntesis*, (15), 2024b, pp. 43-59.

³⁴ Para profundizar en la relación entre Hofmannsthal y Mauthner, véase MUÑOZ MILLARES, J. “Introducción”. En: *Hofmannsthal, Una carta*. Valencia: Pre- Textos, 2008, pp.11-59.

meio de comunicação senão a mísera linguagem, (...) a linguagem é uma ferramenta com a qual não podemos nos aproximar de nada verdadeiro, nem da natureza nem de nossas próprias sensações”³⁵. Ambos os autores, tanto na literatura quando na filosofia, parecem coincidir nas consequências afásicas que se seguem dessa “crise”: um silêncio pessimista.

A interrogação que se coloca a propósito da inter-relação entre a linguagem e o mundo, entendida como dimensão semântica, tem o potencial de expandir o âmbito do ceticismo, o qual implica uma avaliação crítica das explicações do significado. Para Nussbaum³⁶, essa atitude contemporânea de suspeita diante da capacidade representativa da linguagem, e as explicações pragmatistas do significado a que deu origem, é uma reatualização do ceticismo pirrônico³⁷. A opinião de Nussbaum é justificada pela forma negativa e destrutiva como interpreta o pirronismo tanto em relação à vida comum como ao uso purgativo de argumentos cépticos³⁸. Deste modo radical, as fontes das enfermidades que o cético se propõe a purgar argumentativamente são a razão e as crenças³⁹. Assim, a terapêutica pirrônica tem como consequência não só a paralisia da razão, mas a paralisia da vida.

O ponto que me interessa centrar neste artigo não é o dos debates sobre as teorias do significado pragmatistas, mas a relação metodológica estabelecida entre filosofia cética e linguagem natural. Assim, começarei com o ceticismo linguístico-epistemológico de Mauthner, segundo o qual a linguagem é uma fonte de engano e superstições, e a tarefa da filosofia se vê limitada a uma crítica da linguagem autodestrutiva. Meu objeto não é uma análise detalhada da filosofia de Mauthner, mas a tentativa de responder à pergunta: é factível estabelecer uma relação entre a filosofia e a linguagem desde uma perspectiva cética que não resulte autodestrutiva? Com o propósito de defender a ideia de um ceticismo linguístico *performativo* e dinâmico, procederemos à revisão e interpretação *não quietista* das fontes antigas do pirronismo grego. Meu propósito principal não é exegetico; só utilizarei elementos que me permitam a defesa, em oposição à opinião de Nussbaum, da coerência de um *pirronismo linguístico* que não implique uma interpretação *quietista*⁴⁰.

³⁵ AP, p. 463.

³⁶ NUSSBAUM, M. “Skepticism about Practical Reason in Literature and the Law”. In: *Harvard Law Review*, v. 107, n. 3, 1994, p. 716.

³⁷ Cf. EL-JAICK, “Fogo, escada, purgante”, p. 64.

³⁸ NUSSBAUM, M. “Purgantes escépticos: perturbación y vida sin creencias”. En *La terapia del deseo. Teoría y práctica en la ética helenística*. Barcelona: Paidós, 2003, pp. 358-59; pp. 370-374.

³⁹ *Ibidem*, p. 357, p. 361, p. 383

⁴⁰ Para quem deseja explorar a relação entre quietismo e pirronismo, consultar: REINOSO, G. “Neopirronismo contemporâneo: una propuesta performativa”. En *Neopirronismo clásico y contemporáneo. Discusiones en torno al legado escéptico*. Reinoso, G.; Uanini, F.; Di Tomaso, S. (Eds.). Colecciones del Ciffyh, Área Filosofía, 2024, pp. 19-35. Y REINOSO, G. “Neopyrrhonism as Metaphilosophy: a Non-Quietist Proposal”. *Praxis Filosófica*, 2022, vol.54, pp. 11-30.

Por quietismo, entendo uma interpretação da filosofia cética baseada só em elementos negativos e inertes e que supõe a separação e a oposição entre a filosofia e o âmbito comum. O *quietismo* conduz a uma interpretação dos argumentos céticos e do próprio labor filosófico como autodestrutivo⁴¹. Considero que as explorações da linguagem que realiza Sexto Empírico, especialmente no que diz respeito à reflexão sobre a prática filosófica como algo distinto das afirmações dogmáticas, e a recuperação dos usos cotidianos permitem apresentar uma proposta filosófica cética dinâmica e praticável que não conduz à afasia, o silêncio místico, nem ao abandono da filosofia.

2. Filosofia como *Spachkritik*: ceticismo linguístico-epistemológico

Mauthner se considerou um herdeiro do projeto kantiano, que concebeu a missão da filosofia como uma crítica das condições de possibilidade do nosso conhecimento. No entanto, Mauthner entendeu que o projeto crítico de Kant resultava incompleto se não se aplicava o trabalho crítico à linguagem. Deste modo, postula a filosofia como crítica da linguagem (*Sprachkritik*). Em *Contribuições a uma crítica da linguagem* (1901-1903) e no *Dicionário de filosofia, Novas contribuições a uma crítica da linguagem* (1910-11)⁴², Mauthner assinala que: “Filosofia é teoria do conhecimento, teoria do conhecimento é crítica da linguagem”⁴³. Cabe assinalar que, para Mauthner, a crítica da linguagem não é uma mera análise linguística. Tampouco produz um sistema ordenado de conhecimento, nem uma teoria do significado alternativa à representacionista⁴⁴. No pensamento de Mauthner se evidencia uma desconfiança em relação à linguagem como ferramenta para o pensamento filosófico devido à sua capacidade de gerar *superstições* (*Aberglauben*). Portanto, não só questiona drasticamente a possibilidade de *representar* a realidade mediante palavras, mas postula sua capacidade de engano permanente. Sua crítica resulta tão radical e negativa que a qualifica de *ceticismo epistemológico nihilista*⁴⁵: o conhecimento do mundo através da linguagem é impossível⁴⁶: “os homens jamais poderão ir além de uma representação figurativa do mundo”⁴⁷. Em sua opinião, o propósito final da filosofia deve

⁴¹ Cf. REINOSO, G. “Performative Neopyrrhonism: a Non-Quietist Proposal”. En *Latin American Skepticism: contemporary contributions, its history, and new trends*, Reinoso, G.; Smith, P. & Silva Filho, W. J. (ed.). Springer. [En Prensa].

⁴² Utilizarei as seguintes edições, em espanhol: MAUTHNER, F. *Contribuciones a una crítica del Lenguaje*. Barcelona: Herder, 2001; e em português: MAUTHNER, F. *O avesso das palavras*. São Paulo: Editora 34, 2024. Na edição em espanhol, as citações serão precedidas das iniciais CCL e o número da página. Na edição em português, as citações serão precedidas de AP e o número da página. As edições em alemão estão disponíveis em: <<https://openlibrary.org/>>.

⁴³CCL, p. 21; AP, p. 205, p. 473.

⁴⁴ Cf. CCL, p. 27.

⁴⁵ CCL, p. 22; AP, pp. 472, 475; “ceticismo extremo”, AP, p.193.

⁴⁶CCL, p. 23.

⁴⁷ AP, p. 205.

ser a liberação das palavras, da *tiranía* da linguagem: “Crítica da linguagem é o trabalho com a ideia libertadora de que, com as palavras de sua língua e com as palavras de suas filosofias”⁴⁸. Consequentemente, a filosofia deve combater e resistir às seduções linguísticas em um trabalho sempre crítico que termina por tornar inerte a própria filosofia.

Ainda que a ideia de liberação pareça apresentar um aspecto terapêutico positivo no ceticismo de Mauthner, tanto seu diagnóstico, a linguagem nos engana, quanto sua conclusão, não é possível conhecer o mundo, são radicais e negativos: “A Linguagem não é ferramenta adequada para a compreensão da natureza, porque nem linguagem nem natureza permanecem imóveis; a palavra em rotação caça eternamente a realidade em rotação, e não consegue apanhá-la”⁴⁹. Tanto o objeto de seu projeto de investigação filosófica quanto a ferramenta para analisá-lo são a linguagem⁵⁰. Portanto, a crítica é uma crítica interna, a luta contra a linguagem através da linguagem: “(...) Se quero ascender na crítica da linguagem (...) preciso eliminar a cada passo a língua que está atrás, diante e dentro de mim, tenho de destruir cada degrau da escada enquanto vou subindo. Quem quiser seguir que reconstrua os degraus para os destruir de novo”⁵¹. Esta forma de entender a crítica como interna à linguagem parece levar o projeto a um paradoxo.

Como assinala Di Tomaso, o projeto crítico “é inviável, porque não pode usar como instrumento aquilo que se põe em questão; ou, se é viável, se torna autodestrutivo”⁵². Para além do paradoxo, cabe destacar que este aspecto “interno” não implica um enfoque subjetivista – solipsista – da linguagem, já que, para Mauthner, a linguagem tem uma existência social. Não existe na mente dos seres humanos, mas circula entre eles⁵³; “linguagem e razão estão entre os homens, são fenômenos sociais, são um e o mesmo fenômeno social, como os costumes. Talvez também seja apenas como a regra de um jogo”⁵⁴. No entanto, sua perspectiva da linguagem e do conhecimento é drástica porque ambos são ilusões, falsificações; sempre entendidos de maneira negativa como metáforas antropomórficas⁵⁵.

Ao descrever sua filosofia como um ceticismo radical e epistemológico, Mauthner enfatiza que deve ser entendido no sentido do ceticismo de David Hume, e não no sentido dos cétricos *acríticos* e *dogmáticos* da Grécia antiga⁵⁶. Se a relação com Hume parece clara em termos de ênfase epistemológica

⁴⁸ CCL, p. 31; AP, p. 205

⁴⁹ AP, p. 475.

⁵⁰ Cf. CCL, p. 33.

⁵¹ *Ibidem*, p. 31. Cf. AP, p. 33.

⁵² DI TOMASO, “Lenguaje y filosofía”, p. 50.

⁵³ Cf. CCL, pp. 54-55.

⁵⁴ AP, p. 473. Para explorar a relação entre Mauthner, Wittgenstein e o pirronismo, cf. SLUGA, H. “Wittgenstein y el pirronismo”. En: Sinnott -Armstrong, W. (ed.) *Pyrrhonian Skepticism*. Oxford: Oxford University Press, 2004, pp. 99-117.

⁵⁵ CCL, p. 61.

⁵⁶ Cf. AP, p. 472-75.

de seu ceticismo, é difícil entender porque Mauthner fala do ceticismo radical como uma herança do ceticismo “mitigado” de Hume. A respeito do ceticismo grego antigo, para Mauthner, provavelmente guiado somente por sua leitura de Hume, e não pelos textos de Sexto Empírico, o pirronismo antigo, para ser uma posição coerente e não dogmática, deve ter como ideal filosófico a *afasia discursiva*, ou seja, a não asserção sobre nenhum tema. Mauthner usa a metáfora da escada para enfatizar que a atividade crítica permite subir enquanto se destroem os degraus linguísticos. Se a escada linguística se destrói depois de o filósofo crítico haver ascendido, o silêncio aparece como o ideal filosófico⁵⁷. O ceticismo pirrônico, para evitar a acusação de autodestruição, deve aceitar a consequência radical de sua proposta filosófica: o silêncio discursivo.

Dada esta reconstrução da versão mais radical do ceticismo linguístico, é possível estabelecer dois desafios que deve enfrentar uma posição não quietista do pirronismo em relação à linguagem: por um lado, a acusação de autodestruição (*peritrope*)⁵⁸ que o uso dos argumentos e expressões céticas parece implicar e que deixa a filosofia cética em completa inércia e silêncio; por outro lado, que a recuperação dos usos cotidianos parece implicar uma separação da filosofia e da vida comum. Se o cético é capaz de partilhar seus estados é porque a filosofia foi abandonada. O que veremos na seguinte seção é como foram colocados esses desafios e como é possível apresentar uma interpretação performativa alternativa.

3. Pirronismo linguístico *autodestrutivo*: afasia, purgantes, fogo e uma escada.

Se pode afirmar sem cometer anacronismo que desde o começo mesmo de *Esboços pirrônicos*⁵⁹ é proposta uma relação metodológica entre linguagem e filosofia. A filosofia pirrônica é caracterizada como investigação aberta e incessante, posto que a verdade ainda não foi descoberta, nem se nega que sua apreensão seja possível. Esta indagação, ou *zétesis*, implica uma habilidade (*dynamis*) linguística que se desprende através do uso de argumentos ou *tropos* para chegar à equipolência (HP I. 8). A relação metodológica entre investigação filosófica e linguagem é reforçada umas linhas mais adiante, quando Sexto indica que não investigam a aparência ou os fenômenos, mas o que se *diz* dos fenômenos (HP I. 20). Quanto ao estatuto dos argumentos e expressões céticas como diferentes das afirmações dogmáticas (HP I. 13-15), o pirrônico indica que seu propósito não é realizar afirmações definitivas, o propósito é

⁵⁷ Cf. *Ibidem*, págs. 33-4.

⁵⁸ Cf. FOGELIN, R. *Pyrrhonian Reflections on Knowledge and Justification*. Oxford University Press, 1994; MCPHERRAN, M. L. “Skeptical Homeopathy and Self-refutation”. *Phronesis*, 32, 1987, pp. 290–328.

⁵⁹ A edição utilizada é *Esbozos Pirrónico*. Madrid: Gredos, 2017. As citações estarão precedidas de HP, o número do livro e o número da linha.

terapêutico porque é utilizado para apaziguar a precipitação dogmática. Desde modo, no cenário dialético, os argumentos céticos parecem adquirir um caráter instrumental – uma vez utilizados, se auto-eliminam (HP I. 15) – e transitório. Ao modo dos *istorikos*, o cético somente partilha em cada momento sobre cada assunto, se lhe aparece aqui e agora (HP I. 4).

No final do primeiro livro, após a enumeração dos tropos, Sexto apresenta as expressões (*phônai*) céticas (HP I. 187-209). Entre elas se incluem: “não mais”, “não afirmar nada” (*aphasia*), “talvez”, “é possível”, “nada determino” etc. Estas expressões são postuladas como uma forma não dogmática e não assertiva de utilizar a linguagem (HP I. 197). Para acentuar o caráter provisório dessas expressões e defender-se da acusação de autorrefutação pelo uso de argumentos (tropos) e asserções, Sexto utiliza três metáforas: os purgantes (HP I. 206, II. 188), a escada e o fogo (AD VIII. 480-1)⁶⁰.

Essas metáforas mostram que o uso de argumentos e expressões céticas é terapêutico-purgativo. Não só eliminam os humores do corpo, mas também expulsam a si mesmos junto deles (HP I. 206-207). O emprego dessas metáforas foi interpretado como uma demonstração de que as expressões, argumentos céticos e, definitivamente, a possibilidade de um discurso filosófico, se autodestroem. Como indica El-Jaick: “O discurso pirrônico, uma vez compreendido, é desnecessário. É um discurso autodestrutivo”⁶¹. Assim, muitos intérpretes assumiram que a estratégia de Sexto para abordar a acusação de incoerência consiste em adotar o conceito de autorrefutação para o uso de argumentos e expressões céticas. Abraçar a autorrefutação também pressupõe que o projeto filosófico pirrônico consiste na autodestruição da filosofia.

Castagnoli, com quem coincidimos, considera essa interpretação errônea. Dirige suas críticas especialmente à sugestão feita por McPherran⁶², que indica que a utilização das metáforas purgativas, fogo e escada, são amostrar de que as expressões e argumentos céticos refutam a si mesmos. Se McPherran sustenta que Sexto admite a acusação de autorrefutação, resgata um aspecto positivo e terapêutico nessa forma de usar os argumentos: antes da autorrefutação, os argumentos céticos tiveram o efeito esperado nos dogmas, deixando o dogmático em estado benéfico de *epoché* e *ataraxia*⁶³. No entanto, para Castagnoli, Sexto não aceita, “e muito menos abraça”⁶⁴, a acusação de *autorrefutação ou autodestruição*, e é possível reconstruir sua proposta filosófica de forma positiva e dinâmica sem que ela implique autodestruição. Elejo o termo autodestruição e não autocontradição para não implicar o

⁶⁰ A edição utilizada é a *Against the Logicians*. Bury, RG, Vol. II. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1935. As citações serão precedidas de AD, o número do livro e o número da linha.

⁶¹ EL-JAICK, “Fogo, escada, purgante”, p. 69.

⁶² MCPHERRAN, M. L. “Skeptical Homeopathy and Self-refutation”. *Phronesis*, 32, 1987, pp. 290–328.

⁶³ Cf. Cf. CASTAGNOLI, L. “Self-bracketing Pyrrhonism”. In: *Oxford Studies in Ancient Philosophy*, XVIII, 2000, p. 263.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 264.

problema de se o cético nega o princípio de não-contradição⁶⁵. Por outro lado, de minha perspectiva, se o desafio sobre o estatuto dos argumentos céticos se entende em termos de contradição ou refutação, a postulação de equipolência é mal interpretada. Não deveria ser interpretada em termos de refutação ou contradição porque algo é refutado, falando estritamente, quando é demonstrado que algo é falso através de alguma forma de argumento⁶⁶. O objetivo da filosofia cética não é refutar em um sentido definitivo, mas somente mostrar ao dogmático que o que afirma ou nega ainda não se pode afirmar ou negar segundo seus próprios critérios. O cético somente expressa o que lhe parece no momento.

Castagnoli desenvolve uma interpretação alternativa, denominada *auto-entre parêntesis (self-bracketing)*:

Quando o cético pronuncia esta expressão não está afirmando (asserting) nada absoluto, de re, mas simplesmente expressando algo relativo, de se: está expressando seu estado mental de equilíbrio e suspensão do juízo, e o que se lhe aparece da força persuasiva das coisas pouco claras⁶⁷.

Isto implica que a força dos argumentos céticos não está em provar a falsidade de um argumento refutando-o, mas em sua força persuasiva. A persuasão é entendida como a força do argumento que leva o dogmático a revisar suas afirmações em seus próprios termos e a suspender o juízo. Desta maneira, a proposta de Sexto não é refutar, mas pôr *entre parênteses* os dogmas no cenário dialético. Castagnoli propõe a metáfora filológica de pôr entre parênteses nestes termos: “O ato de pôr um texto entre parênteses (*bracketing*) indica que o rejeita como espúrio, porém, com este mesmo ato, não está substituindo as palavras suprimidas com nenhum texto alternativo”⁶⁸. Seguindo essa sugestão, agora podemos interpretar as metáforas dos purgantes, do fogo e da escada de uma maneira não autodestrutiva. O que se expulsa, o que se queima, o que se tira, é a pretensão de fazer afirmações dogmáticas. Por outro lado, as expressões céticas são entendidas, ao se enfatizar a capacidade expressiva, como *declarações* ou *confissões*⁶⁹. Portanto, os argumentos e expressões céticos não são provas da verdade sobre a realidade e não têm a função das demonstrações. O cético pode, a partir da sua orientação filosófica, partilhar com o dogmático seu *pathos atual*, seus afetos presentes, sem afirmar sua verdade. A reflexão filosófica sobre a linguagem que propõe o pirronismo e a maneira técnica de entender o uso crítico dos

⁶⁵ Véase BRITO, *The Skeptical Dynamis*, pp. 12-3 y NUSSBAUM, “Purgantes escépticos”, p. 384. Para un análisis del antiguo debate sobre el argumento de la auto-refutación desde un estudio filológico, lógico e histórico de las fuentes clásicas, véase CASTAGNOLI, L. *Ancient Self-Refutation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

⁶⁶ Cfr. CASTAGNOLI, *Ancient Self-Refutation*, p. 272.

⁶⁷ *Ibidem*, pág. 281.

⁶⁸ *Ibidem*, pág. 288.

⁶⁹ Si bien Nussbaum y El-Jaik también interpretan las expresiones escépticas como confesiones parecen acentuar un aspecto residual (lo queda después de la auto-refutación) y no su carácter filosófico. Cf. NUSSBAUM, NUSSBAUM, “Purgantes escépticos”, p. 367, ver la nota al pie número 22. EL-JAICK, “Fogo, escada, purgante”, p. 66.

tropos e as expressões céticas permitem a diferenciação de usos positivos da linguagem e a criação de diferentes registros filosóficos não passivos, como veremos a seguir.

4. Pirronismo linguístico-performativo: linguagem comum e *technai*

Como vimos na seção anterior, para manter a coerência e rechaçar a acusação de inércia⁷⁰ — os céticos não cancelam a vida —, aceitam passivamente a vida em comum e a partilham com os demais depois de abandonar a filosofia:

E quando os dogmáticos argumentam que se pode viver de tal maneira que não se hesitaria em comer seu próprio pai se o ordenassem fazê-lo, o cético responde que poderá viver de tal maneira que suspende seu juízo nos casos em que se trata de chegar à verdade, porém não em assuntos de vida e de tomada de precauções (DL, IX, 108).

Isto sugere a presença de uma dicotomia entre o trabalho crítico-terapêutico no âmbito filosófico e a aceitação passiva da convivência com outros. Portanto, a estratégia de defesa contra a acusação de *incoerência* parece implicar que os céticos admitem estas caracterizações destrutivas e passivas ao enfatizar a natureza dissolutiva ou destrutiva dos argumentos céticos. Em outras palavras, entendem o uso dos argumentos de forma instrumental, um uso em que não há assentimento dogmático. O problema desta interpretação é que ela entende a orientação pirrônica como uma proposta meramente negativa e inerte que, após seu trabalho purgativo, anula ou destrói a filosofia. Assim, a terapêutica resulta negativa e paralisante. Nussbaum acentua este aspecto ao afirmar que a habilidade (*dynamis*) de opor argumentos contraditórios não só se auto-minava (*self-undermining*), mas derrubava qualquer aspecto normativo para escolher entre o verdadeiro e o falso, entre os usos linguísticos e os usos incorretos, entre o bom e mau. Essa destruição dos aspectos normativos impede a vida em comunidade porque o pirrônico propõe “purgar a vida humana de todo compromisso cognitivo, de toda crença”⁷¹. Para Nussbaum, a admissão dessa terapia em termos destrutivos implica que o pirronismo não só não é uma *episteme*, como as filosofias dogmáticas, mas que tampouco pode ser uma *téchné*⁷², uma arte ou uma ciência, um corpo articulado de conhecimento⁷³.

No entanto, essa interpretação é debilitada se se tem em conta as seguintes três menções às *technai* e a relação que pode ser estabelecida com a *skepsis* pirrônica: 1) que a crítica à arte de viver⁷⁴

⁷⁰“Los filósofos dogmáticos sostienen que los escépticos suprimen la vida misma, en cuanto rechazan todo aquello en que la vida consiste” (DL, IX, 104).

⁷¹ NUSSBAUM, “Skepticism about Practical Reason”, p. 716, p. 723; NUSSBAUM, “Purgantes escépticos”, p. 357.

⁷² HP III. 253.

⁷³ *Ibidem*, p. 358.

⁷⁴ HP III. 239-279.

é uma crítica dirigida somente ao modo dogmático, especificamente estoico, de entender os princípios que devem guiar uma vida boa. 2) a discussão das escolas médicas presente no livro I parece dar lugar a um modo de praticar a filosofia cética similar à *téchné* da escola médica metódica⁷⁵. 3) a recuperação dos seis livros compilados sob o título *Contra os professores* pode ser entendida como um modelo alternativo de conhecimento para a filosofia⁷⁶. Deste modo e especialmente com a recuperação das discussões sobre usos ordinários e linguagem natural dos primeiros livros, *Contra os gramáticos* e *Contra os professores*, pode dar-se outra interpretação das expressões céticas e da classe de habilidade linguística que a filosofia estoica promove.

É especialmente nesses livros que Sexto reflete sobre a linguagem comum. Em *Contra os gramáticos*, Sexto distingue entre duas posições que explicam o uso correto do grego. A primeira procede segundo analogias gramaticais. A segunda se ajusta ao uso comum derivado da estrutura das palavras e da observação das conversações ordinárias⁷⁷. Sexto critica a primeira e aceita a segunda. No segundo livro, *Contra os retóricos*, assinala que a linguagem em si não é “nem boa nem má (...) a mesma linguagem que nos ofende quando uma pessoa culta e solene fala não nos ofende minimamente quando falada por um bobo que faz piadas”⁷⁸. De uma maneira que pode antecipar algumas das reflexões de Wittgenstein, é dito que os usos da linguagem não têm um propósito extralinguístico unívoco, que dependem de atividades contextualizadas e propósitos pragmáticos. Isto implica também que os critérios de correção são critérios públicos que dependem destes usos contextualizados e compartilhados.

Cabe aclarar que esse tratamento pirrônico da linguagem natural não implica o estabelecimento de uma teoria do significado. Primeiro, porque sua orientação filosófica carece de pretensão teórica; e segundo, porque seu interesse pela linguagem surge de uma preocupação específica pelas formas em que se pode expressar a orientação pirrônica e de uma preocupação mais geral pela utilidade da comunicação. Em consequência, é crucial assinalar que quando o pirrônico recupera a fala cotidiana não significa que abandona a filosofia nem que proponha o ideal de silêncio filosófico. Cabe aqui aclarar sobre o termo “afasia”, já que Sexto o utiliza como termo técnico ao enumerar as expressões céticas sobre o não afirmar

⁷⁵ HP I. 236-241.

⁷⁶ Cf. BRITO, *The Skeptical Dynamis*, pp. 76-77.

⁷⁷ Cf. AD I. 179. A observação e guia proporcionada pelo uso comum é enfatizada através da metáfora da cunhagem de uma nova moeda: “Porque assim como em uma cidade onde certa moeda local é corrente, quem faz uso dela é capaz de levar a cabo seu negócio nessa cidade sem obstáculos, porém, que não a adota, mas cunha para si mesmo algum dinheiro novo e deseja que isto seja aceito, é um bobo, assim também no intercâmbio ordinário o homem que se nega a seguir o modo de conversação, como a moeda, que geralmente se adota, e produz um novo caminho próprio, está próximo da loucura”(AD I. 178-9, 193-4)..

⁷⁸ AD II. 56.

nada ou a não asserção 79, porém também remete ao modo que se entendeu como um dos ideais de Pirro de Elis. Sobre este ponto, El-Jaick faz um esclarecimento sugestivo:

(...) a afasia não corresponde necessariamente a um calar. Precisamos lembrar que o *alfa* no grego antigo tinha o sentido de negação (como no português), mas que na linguagem corrente não necessariamente significava a privação completa. Pirro, quando se referia à afasia, era no sentido de um cuidado extremo no uso das palavras, mas não de uma total mudez (...) a palavra afasia era então empregada para indicar uma forma de *não asserção*, ou seja, um modo de proferir um discurso esvaziado de crenças.⁸⁰

Deste modo, se a afasia é sugerida por Sexto, somente é feita em termos do cuidado que devem seguir os pirrônicos para, ao se expressarem, não afirmarem dogmaticamente. A afasia não deve ser entendida como Mauthner o fez: como ideal que impede o discurso filosófico cético. A proposta de um pirronismo linguístico performativo admite a criação de discursos filosóficos céticos, porém sem caráter teórico-edificante, mas conectados à ideia de uma *zétésis* incessante, e são vistos como relatórios médicos ou narrações ao modo dos *istorikos*: provisórios e contextualizados. Por outro lado, permite uma aceitação não passiva dos discursos cotidianos⁸¹. O cuidado em não dogmatizar também se aplica a nossa economia linguística cotidiana, não se limita ao dogmatismo filosófico. Na minha leitura, diferentemente de Nussbaum, o resgate ou apologia dos usos cotidianos não implicam uma negação da importância dos critérios de correção nem a sua mera aceitação passiva e acrítica. Destacar nossa economia linguística comum implica mostrar a riqueza dos usos variados e modificáveis sem promover a arbitrariedade. Ou seja, são usos regrados cuja normatividade não depende de uma garantia epistemológica e ontológica da realidade, como pretendem os dogmáticos. As normas linguísticas surgem de nossos hábitos comunicativos inseridos em nossas práticas sociais. Também me distancio de El-Jaick porque não considero que os usos linguísticos céticos se reduzam ao propósito terapêutico da *ataraxia* como ideal ético, nem a promoção de um modo de vida não filosófico⁸². No meu enfoque, o pirronismo é uma orientação propriamente filosófica que não separa vida de filosofia, nem abandona a segunda a favor da primeira.

5. Conclusão

Como já vimos acima, o ceticismo epistemológico exibido por Mauthner, que questiona a confiabilidade da linguagem, forma parte do pessimismo cultural do início do século XX na tradição austro-germânica. Este engano massivo supõe a ideia de que, ainda que existam palavras que pretendem

⁷⁹ HP I. 192.

⁸⁰ EL-JAICK, “Fogo, escada, purgante”, p. 67.

⁸¹ Sobre o status das asserções e o critério de verdade aplicado aos usos comuns, consultar *ibidem*, p. 76.

⁸² *Ibidem*, p. 79.

representar objetos do mundo, fracassam na intenção porque perderam sua ancoragem na realidade; então, a distorcem completamente. No entanto, como buscamos demonstrar, pode ser identificada outra classe de vínculo entre ceticismo e linguagem: a relação *metodológica* entre linguagem e filosofia cética. Nesse sentido e seguindo a linha de investigação proposta por Marcondes⁸³, que identifica o “giro linguístico” como um movimento incipiente na filosofia moderna, especialmente na tradição empirista britânica (Hobbes, Locke, Hume), propomos estender o alcance da obra de Sexto Empírico. Para ele, a noção de *giro linguístico* é entendida como um giro *metodológico* linguístico que, a partir da reflexão sobre linguagem natural, estabelece conexões com o fazer filosófico.

No caso de Sexto Empírico, a aplicação desta noção em sua dimensão metodológica resultou frutífera para analisar duas de suas obras: tanto em *Hipotiposes pirrônicas*, obra na qual a filosofia cética é caracterizada como uma habilidade linguística que implica o uso de argumentos ou tropos para lograr equipolência (HP I. 8) e a criação de expressões céticas; como também em seu livro intitulado *Contra os professores*, no qual Sexto discute contra os gramáticos e retóricos em sua pretensão teórica de oferecer explicações últimas sobre os usos corretos do grego. Diante dessa pretensão dogmática, resgata a observação dos usos linguísticos cotidianos e os critérios pragmáticos de correção. Do meu ponto de vista, esta proposta pirrônica linguística dissolve dois desafios metodológicos quietistas: em primeiro lugar, os argumentos céticos já não devem ser interpretados como autodestrutivos, mas como postos “entre parênteses”. Isto implica que há um modelo alternativo para produzir discursos filosóficos. Em segundo lugar, que o resgate da linguagem natural não implica a separação entre filosofia e vida cotidiana, nem o abandono da primeira pela aceitação passiva da segunda. Descrever e defender os usos cotidianos linguísticos no marco de disputa contra certo modo dogmático de praticar as *technai* implica propor outro modelo para a prática da filosofia e a produção de discursos filosóficos. Um modelo que temos denominado como linguístico-performativo, porque não se reduz a descrever a filosofia cética somente em seus aspectos passivos e destrutivos, mas que destaca seus aspectos dinâmicos e criativos.

Referências bibliográficas

BRITO, R. P. de. *Sobre a noção de linguagem subjacente ao ceticismo pirrônico sextiano: um estudo do livro I de Esboços Pirrônicos, de Sexto Empírico, acompanhado de tradução e de uma investigação*

⁸³ MARCONDES, D. *Skepticism and Language in Early Modern Philosophy. The Early Linguistic Turn*. London: of The Rowman & Littlefield Publishing Group, 2020, pp. 3-4.

- teórico-metodológica*. UF de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2024.
- BRITO, R. P. de. *The Skeptical Dynamis and Its Pragmatic Possibilities*. Springer International Publishing - Synthese Library, 2022.
- CASTAGNOLI, L. “Self-bracketing Pyrrhonism”. In: *Oxford Studies in Ancient Philosophy*, XVIII, 2000, pp. 263-328.
- CASTAGNOLI, L. *Ancient Self-Refutation: The Logic and History of the Self-Refutation Argument from Democritus to Augustine*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- DI TOMASO, S. “Pirronismo y criticismo: una lectura neopirrónica de la *Sprachkritik* de F. Mauthner”. In: Reinoso, G.; Uanini, F.; Di Tomaso, S. (Eds.) *Neopirronismo clásico y contemporáneo. Discusiones en torno al legado escéptico*. Córdoba: Colecciones del CiFFyH, 2024a, pp. 63-83.
- DI TOMASO, S. “Lenguaje y filosofía: la *Sprachkritik* de F. Mauthner a la luz del Pirronismo”. *Síntesis*, (15), 2024b, pp. 43-59.
- EL-JAICK, A. P. “Fogo, escada, purgante: a linguagem cética”. In *PROMETEUS - Ano 7 - Número 16 – Julho-Dezembro, 2014*, pp. 63-81.
- HOFMANNSTHAL, H. Von. *Uma Carta – A Carta de Lord Chandos*. Belo Horizonte: Edições Chão da Feira, 2012.
- MARCONDES, D. *Skepticism and Language in Early Modern Philosophy. The Early Linguistic Turn*. London: of The Rowman & Littlefield Publishing Group, 2020.
- MAUTHNER, F. *Contribuciones a una crítica del lenguaje*. Barcelona: Herder, 2001.
- MAUTHNER, F. *O avesso das palavras*. São Paulo: Editora 34, 2024.
- MCPHERRAN, M. “Skeptical Homeopathy and Self-refutation”. *Phronesis* 32, 1987, pp. 290–328.
- MUÑOZ MILLARES, J. “Introducción”. En: *Hofmannsthal, Una carta*. Valencia: Pre- Textos, 2008, pp.11-59.
- NUSSBAUM, M. “Skepticism about Practical Reason in Literature and the Law”. In: *Harvard Law Review*, v. 107, n. 3, 1994, pp. 714-744.
- NUSSBAUM, M. “Purgantes escépticos: perturbación y vida sin creencias”. En *La terapia del deseo. Teoría y práctica en la ética helenística*. Barcelona: Paidós, 2003, pp. 351-393.
- REINOSO, G. “Neopyrrhonism as Metaphilosophy: a Non-Quietist Proposal”. *Praxis Filosófica*, 2022, vol.54, pp. 11-30.

REINOSO, G. “Neopirronismo contemporáneo: una propuesta performativa”. En *Neopirronismo clásico y contemporáneo. Discusiones en torno al legado escéptico*. Reinoso, G.; Uanini, F.; Di Tomaso, S. (Eds.). Colecciones del Ciffyh, Área Filosofía, 2024, pp. 19-35.

REINOSO, G. “Linguistic Pyrrhonism: Self-Destruction, Dogmatic Assertions, and Skeptical Expressions”. Dossiê “Ceticismos” na *Revista Enunciação*, ISSN 2526-110X, [em prensa], 2025.

REINOSO, G. “Performative Neopyrrhonism: a Non-Quietist Proposal”. En *Latin American Skepticism: contemporary contributions, its history, and new trends*, Reinoso, G.; Smith, P. & Silva Filho, W. J. (ed.). Springer. [em prensa], 2025.

SEXTUS EMPIRICUS. *Esbozos pirrónicos*, Madrid, Gredos, 2017.

SEXTUS EMPIRICUS. *Against the Logicians*. Bury, R. G., Vol.II. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1935.

SEXTUS EMPIRICUS. *Against the Professors*. Bury, R. G., Vol. IV. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1949.

SHEPPARD, R. “The crisis of language”. In *Modernism 1890-1930*, 1976, pp. 323-360.